



O que mais pode acontecer?

Whisner Fraga

Em “Qualquer coisa deu errado”, Lucia Pouchain apresenta ao leitor uma coletânea composta por trinta contos que, ao explorar situações do cotidiano, evidenciam a presença de elementos de estranheza, desconforto e vulnerabilidade nas relações humanas, sobretudo as familiares. O fio condutor das narrativas é o erro, o imprevisto ou a desordem, que surgem não como acidentes isolados, mas como sintomas da precariedade presente nos afetos e na comunicação. As famílias, os amigos, os relacionamentos são retratados de forma crua e, muitas vezes, brutal. As empatias sempre a um fio de se romperem, os silêncios prestes a cederem lugar a algo que normalmente surge para piorar tudo.

As personagens das narrativas transitam por cenários íntimos e coletivos que, à primeira vista, podem parecer banais, mas logo se revelam como territórios propícios a diversos campos de tensão. São mães exaustas, filhos silenciados, mulheres acuadas, maridos indiferentes, chefes abusivos, jovens desajustados, um retrato de nossa sociedade patriarcal e hierárquica. Todos que habitam essa vasta galeria compartilham a experiência de vidas atravessadas por imperfeições e descompassos. Em “Roupa suja”, por exemplo, um bilhete desencadeia a revelação de segredos mesquinhos, enquanto que, em “É assim mesmo”, o preconceito é exposto de maneira brutal, principalmente porque ele vem encoberto por um véu de moral e costume. Já em “Preciso contar o que aconteceu naquele dia”, a opressão do assédio no ambiente de trabalho aparece como metáfora do sufocamento cotidiano, trazendo à tona a condição feminina frente ao poder masculino.

As situações narradas variam entre a crueldade explícita, como em “Contratempo”, em que uma personagem é violentada na rua, e a agressão velada, marcada pelo silêncio e pela omissão, como em “Alienados”, que trata da relação frustrada entre pai e filha. Outras histórias, como “Caleidoscópio” e “Se”, evocam atmosferas de suspense e desespero, em que o medo molda as ações. Já contos como “Até mais tarde” e “À tona” apresentam personagens que rompem a passividade, sugerindo a possibilidade de reação, ainda que tímida e incerta.



Essa oscilação entre conformismo e ruptura confere dinamismo à coletânea. No conto “É amor, gente!”, o diálogo entre amigas revela a normalização da violência doméstica, ao mesmo tempo em que escancara a dificuldade de romper com relacionamentos abusivos.

O estilo de Pouchain equilibra lirismo e crueldade. A linguagem é enxuta, mas marcada por imagens poéticas e metáforas que ampliam a densidade das tramas. Muitas vezes, o silêncio e o não dito têm tanta força quanto as palavras, instaurando um clima de latência, como se algo estivesse sempre prestes a explodir, a se romper. Há, em alguns casos, o senso de humor, a ironia, o nonsense, recursos que ampliam a complexidade dos relatos e impedem uma leitura unívoca.

O espírito do livro é o de expor a estranheza que habita o cotidiano, denunciando a hipocrisia social e a fragilidade das estruturas afetivas. A autora não oferece finais redentores; ao

contrário, muitas vezes os relatos terminam em suspensão, refletindo o sentimento de incompletude da vida real. O título, neste sentido, resume bem a proposta: em um mundo permeado por ilusões, mentiras e pequenos delitos, quase sempre algo dá errado.

Essa visão crítica da realidade, aliada a uma escrita inventiva e sensível, coloca “Qualquer coisa deu errado” como uma obra significativa da literatura brasileira contemporânea, capaz de dialogar com as angústias e contradições de nosso tempo. Pouchain transforma as dores de seus personagens em matéria literária de alto nível e alerta o leitor que, na literatura, como na vida, a desordem também pode ser reveladora. A obra dá destaque às vulnerabilidades femininas no espaço privado e público e, ao mesmo tempo, revela formas de resistência, ainda que frágeis ou ambíguas.

De modo geral, o livro retrata a mulher como alguém constantemente exposto às engrenagens da violência, do preconceito, da invisibilidade e da sobrecarga, mas, ao mesmo tempo, Pouchain insere nesses retratos um olhar cheio de compaixão, sem reduzir as personagens à condição de vítimas: suas escolhas e gestos comunicam resistência. A coletânea de contos convida o leitor a uma reflexão sobre como a literatura pode dar voz a experiências femininas tantas vezes abafadas por um sistema que privilegia temas do universo masculino. O leitor não pode perder de vista o fato de que o meio artístico é um microcosmo de uma sociedade elitista, machista e patriarcal, de forma que livros como este de Lucia Pouchain são um oásis em meio à aridez reinante na literatura brasileira.

Whisner Fraga - São Paulo (SP) - nasceu em Ituiutaba (MG).

É escritor, professor universitário e editor na Sinete. Formado em Engenharia Mecânica, Pedagogia e Marketing Digital. Autor de livros de ficção, tendo contos traduzidos para o inglês, alemão e árabe. Escreve para o coletivo “Crônica do dia” e mantém o canal “Acontece nos livros”, no YouTube, em que resenha obras de escritores contemporâneos.





Paz para todos os seres

Desejamos aos leitores, amigos, colaboradores e clientes um Natal pleno de paz, saúde, amor, com muita poesia e leitura. Necessário democratizar os livros e compartilhar com todos que têm fome de leitura.

Almejamos que todos os brasileiros - do Oiapoque ao Chuí - e os povos de todas as nações tenham acesso ao livro e à leitura. Que o livro faça parte da merenda escolar para que as crianças possam democratizar a leitura com os seus pais.

Que a fome seja abolida em todo o Planeta e a água seja abundante em todo o canto do mundo.

Esperamos que os homens sejam mais solidários com seus semelhantes, que não maltratem os animais, respeitem as crianças, mulheres e idosos. Que os homens tenham mais afeto com todos os seres, sem distinção de gênero, sexo, raça e espécie.

Que nossos governantes e políticos digam não ao desmatamento, ao trabalho escravo, à violência, à corrupção e digam não às reformas trabalhistas e previdenciárias que possam desmontar as conquistas do trabalhador brasileiro.

Mais em Educação e Cultura. Menos armas e mais livros.

Que todos os seres possam viver livres, sem guerras, sem violência, sem fome, sem sede, com mais amor e paz.

Que os sionistas sejam silenciados na Faixa de Gaza e em todo o Planeta.

Todos os povos e países livres dos gananciosos donos do poder.

Paz para os povos de todas as nações.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 160,00
Semestral: R\$ 80,00

Banco do Brasil: Conta 19081-0 - agência 0719-6 -

Banco Bradesco: agência 0165 - conta 0013923-8

PIX: rosani@linguagemviva.com.br

Enviar comprovante e endereço para

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Celular e Whatsapp.: (11) 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Contato: Whatsapp (11) 97358-6255 -

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Assinatura anual R\$ 160,00 e semestral R\$ 80,00

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impressão: *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555

Rua Tiradentes, 1111 - Piracicaba - SP - 13400-765.

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

ANÚBIS

Raquel Naveira

Estou encantada por esse cachorro negro, magro como um galgo, de olhar terno, que alegra meu filho com sua companhia.

É uma questão de afeto, de carinho e apego. Houve uma troca psíquica instantânea entre nós. Agradeço o bem-estar que ele gera no ambiente, a intimidade e o apoio emocional de tê-lo por perto.

Quando o vi deitado, vigilante, o corpo estendido, as longas patas, a cabeça erguida, as orelhas em riste, veio-me imediatamente a imagem da estátua do deus egípcio Anúbis, encontrada no túmulo de Tutancâmon, no Vale dos Reis. Um chacal esculpido em madeira pintada de preto, com detalhes em folhas de ouro no interior das orelhas, nas sobrancelhas, no colar em volta do pescoço. As garras são de prata polida. Os olhos, feitos de quartzo e as pupilas em obsidiana, nos observam com frieza e severidade. Uma visão de sentinela, que penetra o invisível, que adentrou os mistérios da morte, através dos séculos. A estátua, que ficava sobre um santuário portátil, bem na entrada da câmara funerária, protegia o repouso eterno do jovem faraó. Essa joia estava coberta por um tecido fino de linho, um véu de gaze bordado com flores de lótus e íris perfumada.

Anúbis era representado como homem com cabeça de chacal ou cão selvagem de cor negra. Era o deus da mumificação. Acompanhava o sacerdote no sagrado processo de embalsamento dos corpos. Arrancava as vísceras do cadáver e as colocava em vasos de alabastro. Pesava o coração na balança da Verdade. Se o coração fosse leve, a alma poderia seguir viagem para um lugar de brilho, como as águas férteis e pesadas do rio Nilo, ora refletindo o sol, ora a lua e as estrelas.

Esse cão negro é guardião desta casa. Nós somos o seu rebanho. Nele há fidelidade e companheirismo. É um ser puro, que habita fronteiras entre mundos. Nesse clima de volta ao fascinante Egito Antigo, escrevi:



divulgação

Anubis

Meu corpo tem que sobreviver,
A qualquer custo,
Para que eu possa gozar no
outro mundo
As recompensas de um justo.

Removerão meu cérebro,
Pulmões e vísceras,
Mergulharei num banho de sal.

O sacerdote
Com máscara de chacal
Do deus Anúbis
Fará uma oração
Que me livrará do mal.

Nunca em vida
Parecerei tão natural:
O rosto pintado,
O cabelo arrumado em espiral.

Serei uma múmia
Coberta de amuletos,
Recheada de sonhos,
Atravessando o portal.

Raquel Naveira - São Paulo (SP) - é escritora e poeta. Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, da Academia de Ciências de Lisboa e da Academia Cristã de Letras de São Paulo.



“Paixão: o corno na história da literatura”

José Luís Rey

“Antônio Paixão, o premiado pensador, escritor e jornalista luso-brasileiro, acaba de acrescentar às suas realizações em benefício da cultura mundial o feito de reunir num simpósio 10 intelectuais com a finalidade de corrigir uma omissão de Platão, registrada há 23 séculos. De fato, Platão tratou das diferentes formas de amor, mas não dedicou uma única migalha às variáveis do que, no Brasil de hoje, chamaríamos de “amor cornófilo”, ou coisa parecida. Os convivas do ‘Banquete do Paixão’ assumiram a tarefa de trazer à luz as omissões cometidas pelo filósofo grego no que se refere à “cultura cornográfica” ou “comocultura”.

Dentre os convidados estão algumas pessoas, heterônimos ou não do Dr. Noronha, maravilhosamente existentes tão somente no âmbito da ficção e outras, miseravelmente inseridas na realidade, para além dos nefelibatas, alheios a ambas categorias. Tal grupo forma, na visão do Antônio Paixão, uma combinação anômala, insólita e excêntrica de intelectuais, com a tarefa de trazer à luz as omissões cometidas no banquete de Platão, no que se refere à cultura literária, digamos, “cornográfica” percebida pela sociedade atual.

Pois sucede que os comentários de Paixão fartaram-se de referências existencialistas em torno da “cornofilia”, beberam nos cálices da literatura clássica, medieval, renascentista e modernista, aperitivaram na sabedoria chinesa, serviram-se da literatura italiana e francesa e, por fim, sorveram as delícias da literatura brasileira, latino-americana, portuguesa e inglesa, fechando um compêndio que marcará uma época. Sua análise impressiona, senão pela multiplicidade de casos mencionados, pelo perfil dos envolvidos em diferentes épocas e lugares. Ademais, Paixão é um reconhecido mestre no trato do texto com sabor, ironia fina e humor latente.



O recurso à vertente “cornográfica”, suas interações com expressões tais como “chifrudo”, “cornudo”, “galhada”, “corno manso”, “como nato”, “corno putativo” e outras da mesma estirpe, passam longe da intenção do Autor do desrespeito ofensivo e de uma chacota gratuita.

Trata-se, na verdade, de um pretexto inteligentemente engendrado com a finalidade de atrair o interesse dos leitores para um levantamento muito abrangente e seríssimo sobre a história literária internacional, ou uma verdadeira combinação do rigor da aula de literatura com a gaiatice do jeito brasileiro de ser. É para ler e gozar, não necessariamente nesta ordem”.



José Luís Rey - São José do Rio Preto (SP) - é escritor, jornalista e crítico literário. Autor de *A Vizinhança de Manoel Herculano Ibarra*.

Idiossincrasias Urbanas

Wilson Luques Costa

Durante muitos anos, fui um assíduo frequentador de sebos paulista-ns. Tenho uma pequena biblioteca oriunda dessas minhas garimpagens pelos sebos.

Cheguei num único dia a ficar enfurnado em sebos. Muitas vezes, saía de um sebo para imediatamente entrar em outros pesquisando os livros, discos, revistas, sobretudo livros de meu interesse.

Frequentei quase diariamente um sebo na Sete de Abril que ficava no térreo e nos fundos de um prédio vizinho onde se situava a seguradora onde trabalhei por muitos anos.

Esse prédio onde eu trabalhei, talvez seja um dos prédios mais icônicos e históricos de São Paulo, porque foi ali que estiveram Lina Bo Bardi, Chateaubriand e o grande marchand Bardi.

Foi ali também que teve início a extinta TV Tupi e onde o Masp iniciou. Frequentei muito a famosa lancheonete Costa do Sol, onde anos anteriores também frequentaram os atores e atrizes da TV Tupi. Cheguei a ouvir muitas histórias.

Quando comecei a trabalhar na seguradora era o ano de 1979 e os fatos tinham acontecido. Todavia, restavam ainda histórias relacionadas por suas testemunhas que frequentavam principalmente o Costa do Sol.

Quanto aos sebos, frequentei posteriormente muitos sebos da rua Aurora, da Avenida São João, da Praça Dom José Gaspar, da Praça da República, do Brandão, do

Cabeça Branca atrás do Fórum e tantos outros tópoi além e aquém do centro.

Sempre gostei de livros mais raros ou chamados “undergrounds”. Um dos sebos que eu mais gostava, era um mais underground que ficava na Sete de Abril. Ali não era raro deparar-me de chofre com um livro de Pasolini, Verlaine, Rimbaud e tantos outros. Lá frequentava uma juventude bastante interessante que era ligada ao Piva e ao Willer.

Posso citar hoje o dono do Gabinete 63 e Dana Vicolli entre outros que pontuam ainda a paisagem urbana e literária de Sampa. Hoje, praticamente não frequento mais os sebos de São Paulo. Aliás, estou com uma saudade incrível dessas minhas andanças.

Hoje, bem ou mal, tornei-me também um autor de livros e fico imaginando daqui um alter ego qualquer rodando e girando o filme da literatura brasileira e principalmente com suas totais idiossincrasias e particularidades de Sampa com um livro meu ou seu em suas mãos.

Wilson Luques Costa - São Paulo (SP) - é escritor, jornalista e professor. Formado em Jornalismo pela UMC/SP com

especialização em Psicologia pela USP e em Filosofia pela Unesp.



Sebo Brandão São Paulo

Compra e venda de livros usados em todo o território nacional. Fazemos encadernações.

Rua Conde do Pinhal, 92 - ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>

O POETA OLEGÁRIO MARIANO

Nelson Marzullo Tangerini

Poeta de rara sensibilidade, Olegário Mariano, hoje esquecido e pouco estudado, é autor de Conselho de Amigo, um belíssimo soneto, criado a partir da fábula “A cigarra e a formiga”: versos que guardei em um de meus cadernos de anotações:

“Cigarra! Levo a ouvir-te o dia inteiro, gosto da tua frívola cantiga, mas vou dar-te um conselho, rapariga: trata de abastecer o teu celeiro.

Trabalha, segue o exemplo da formiga. Aí vem o inverno, as chuvas, o nevoeiro, e tu, não tendo um pouso hospitaleiro, pedirás... E é bem triste ser mendiga.

E ela, ouvido os conselhos que eu lhe dava (Quem dá conselhos sempre se consome...) continuava cantando... Continuava...

Parece que no canto ela dizia: se eu deixar de cantar, morro de fome... que a cantiga é o meu pão de cada dia”.

Admirador confesso do filólogo e temido anarquista José Oiticica, o humorista Nestor Tangerini cria, no final da década de 40, o pseudônimo José Oitiçoça.

Este personagem engraçado aparece, enfim, na revista de humor e sátira *O Espeto*, fundada por Tangerini e amigos – Lourival Reis (o radialista Prof. Zé Bacurau), Ieda Reis, o cunhado Maurício Marzullo (advogado e poeta), Abel (caricaturista), entre outros, tirando dúvidas gramaticais de leitores fictícios.

Neste texto, publicado na referida revista, Ano 1, nº 6, p. 7, Rio de Janeiro, dezembro de 1947, ele relata um episódio – talvez verídico – que aconteceu com o poeta e amigo Olegário Mariano:

“J. Amoroso (Distrito Federal) – A palavra “amante” tanto é sinônimo de “amásio, amásia”, como significa “apreciador, apreciadora”.

Convém, no entanto, evitar o emprego do termo no segundo sentido, quando tratamos com pes-

soa de pouca instrução, e isso a fim de evitar aconteça o que se deu, certa vez, com o jovem Olegário Mariano.

Era seu conhecido um negociante de secos e molhados, cuja esposa se dedicava às letras, ao descaso do marido, que não entendia nada “daquilo”. Apresentado, uma tarde, no armazém, à respeitável senhora, com quem manteve longa palestra, enquanto “seu” Manuel despachava a freguesia – o distinto vate, finda a boa prosa, dirigiu-se ao comerciante e reclamou:

Como o senhor é egoísta, “seu” Manuel! Por que não me apresentou sua esposa há mais tempo, e não me disse que ela era amante de Castro Alves e Machado de Assis?

O negociante sacou da gaveta o revólver e nunca um poeta correu tanto em sua vida...”

Olegário Mariano Carneiro da Cunha, poeta contemporâneo, nasceu no Recife, Pernambuco, em 24 de março de 1889, e faleceu no Rio de Janeiro, em 28 de novembro de 1958. Diplomata, foi Embaixador do Brasil em Portugal e membro da Academia Brasileira de Letras.

Crônica do livro “Depois do Café”.

Nelson Marzullo Tangerini - Rio de Janeiro (RJ) - é poeta, jornalista, escritor e professor de Língua Portuguesa e Literatura.



Olegário Mariano

divulgação

SOB OS ESCOMBROS DO PESAR

Cláudia Brino

A poesia ergue sua bandeira para lembrar que os versos são instrumentos de denúncia – capazes de acusar, apontar e revelar com precisão cirúrgica os lugares onde a dor se esconde.

Em cada estrofe, a morte surge grafada em sangue e a fome, marcada como tatuagem indelével, não apenas no corpo frágil, mas na alma coletiva daqueles que sobrevivem ao sofrimento.

Um país, uma cidade, um povo, uma etnia – todos esmagados pela brutalidade que viola o mais essencial dos direitos: a dignidade humana.

São poemas que choram pela Palestina e que, ao mesmo tempo, choram a própria Palestina.

Canto do Alaúde, Rosani Abou Adal, não é uma leitura simples. É uma obra que fere, que cutuca feridas abertas, que expõe a dor contínua de um povo que resiste.

Um livro que deixa seus leitores sob os escombros do pesar, obrigando-os a encarar, de frente, a desgraça que dilacera o espírito humano.

Canto do Alaúde



Rosani Abou Adal



Cláudia Brino

- Santos (SP) - é poeta, escritora, ativista cultural, fundadora da Costelas Felinas Editora e do Clube de Poetas do Litoral. <http://autoraclaudiabrino.blogspot.com/>

Canto do Alaúde

poemas de **Rosani Abou Adal**
capa de **Janna Adal**
prefácio de **Ronaldo Cagiano**

Está à venda na Estante Virtual

Livraria Unesp - Praça da Sé, 108 - (11) 3107-2623



Rosani Abou Adal

Sebo Angelo Agostini
Galeria Nova Barão - Loja 63 - Rua Barão de Itapetininga, 37 - (11) 99686-4895

Pedidos pelo WhatsApp (11) 97358-6255

PERSONAGENS EM PARADOXO NA POESIA DE RENILSON DURÃES

Luiz Otávio Oliani

"Estou prestes a vir a ser
O que na verdade sou."
Renilson Durães

"Persona Paradoxo" é o novo livro de poemas de Renilson Durães, em publicação da Ventura Editora, 2024.

Na orelha, Antônio Félix exalta a dicotomia do autor, ao ser "forte e frágil. Gentil e doce."

Obviamente que estes quatro adjetivos ligados à pessoa do autor aparecem na poesia extremamente humana que realiza.

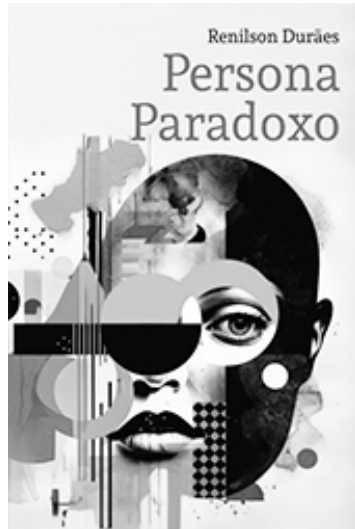
No prefácio, Karla Celene exaltou que o poeta busca alcançar a Quinta Dimensão quando há a abolição do espaço. Explicou a prefaciadora que energia e consciência estão presentes nesta poesia, sobretudo pela multiplicidade de ações de Renilson "(...) como mago, guru, iogue".

Para Celene, Renilson é um insubordinado que não desiste, apesar dos ventos contrários. É "Metamorfose ambulante que somos, persona paradoxo sejamos."

O texto "Desobediência astral", p.13, resume bem o caráter inquietante de um eu lírico cujos versos marcam: "Os astros me dizem / Para eu não dar um passo além da curva. / A minha latente desobediência impulsiona-me a / Pular o muro (...)".

Apesar de os gerundismos não serem formas nominais muito benquistas por professores do vernáculo, na linguagem do telemarketing, eles existem e poetas usam e abusam deles.

Em "Garimpo", p.14, o eu lírico não se faz de rogado e exagera nos gerundismos, mas tem um propósito fundamental. Tudo é pretexto, para que ele possa dizer, ao final, que os atos lhe favoreceram uma descoberta: "Estou prestes a vir a ser / o que na verdade sou."



Os dois versos de abertura de "Dilema hermético", p.16, lembram versos icônicos de Cecília Meireles em "Motivo": "Não sei se fico ou passo." Já Renilson diz: "Não sei se estou / Por baixo ou por cima, / Por dentro ou por fora. / Esta dor - dilema / Como um pêndulo de um poema, / Bate aqui dentro toda hora."

"Poesia potência", p.19, é um metapoema de força estupenda, pois "A poesia quando chega / penetra em frestas e poros / Nos devora por dentro / Com seu fogo antropofágico (...)".

No teatro de "Persona paradoxo" p. 21, o eu lírico vive a contrariedade, pois "(...) / Faz de conta que morre / Num dia toma juízo / No outro toma um porre."

Os versos "Tenho saudade de um não tempo / De um não lugar..." Do poema "Fio ancestral", p. 24, refletem um pouco do universo do professor de Yoga, do filósofo e do pensador-poeta Renilson Durães. Basta observarmos de palavras ou expressões, como "pajés", "xamãs", "orixás", "dimensão", "total expansão", entre outros.

"Mágicas para faturamento, p. 31, mostra um eu lírico crítico, fe-roz, diante daquilo que julga equivo-cado na sociedade capitalista e neoliberal. O lucro, o ganho fácil, tudo está nos versos: "A Faria Lima vende em dólar / Para a periferia / Em nome de ciência faz a festa / Vende-se cannabis, CBD,THC / Em gotas a preço de ouro (...)", tudo em busca de uma alegria difícil de ser encontrada, já que "Onde encontrar a saída ? / E a verdadeira alegria? / Onde se compra o ópio sagrado / Para o estado de ATARAXIA?".

Outras questões sociais aparecem em outros textos, como "Notícia", p. 33, na qual "Morre um poeta ativista no RJ, / O Google não anuncia o ocorrido"; "Sampa", p. 39, ou até "Perkalços do poema", p.35, quando há uma inversão de valores, pois "O poema sofre de transtorno de ansiedade" e não o poeta, em belo jogo metonímico. Adiante, "O poema sofre de estresse pós-traumático / (...) O poema já foi taxado de transgressor, / subversivo / (...) O poema já levou porrada (...)".

E, para finalizar, "Perplexo", p.54, convém citar o poema escrito após o conhecimento da morte assistida do poeta e Acadêmico Antonio Cicero.

Fica, aqui, a perplexidade e o desejo de novos livros de Renilson Durães.

Luiz Otávio Oliani
- Rio de Janeiro
(RJ) - é professor
e escritor. Atual
Diretor de
Comunicação
Social da
Associação
Profissional de



Poetas no Estado do Rio de Janeiro (APPERJ). Publicou 25 livros, incluindo poesia, conto, crônica, teatro, literatura infantojuvenil, crítica literária e ensaios. Em 2024, publicou, pela Editora Penalux, "Vozes, discursos e papiros: alguma crítica". Em 2025, lançou "Eu me sinto um criminoso e outras crônicas" pela Ventura Editora.

Recebeu o Prêmio Arte em Movimento 2022 e 2025 pelo trabalho literário realizado.



<https://www.lojaventuraeditora.com.br/>

<https://www.facebook.com/venturaeditora>

venturaeditora.editor@gmail.com

 (21) 99962-6653 e (21) 99974-8655



TU

Maria de Lourdes Alba

Pingos de chuva
Gotas de orvalho
Que tua sensibilidade é tão intensa
Quanto imenso é o meu sentir

Teus olhos me olham obscuros
A saudade que saúda o lembrar
Lembrar de ti que te quero tão bem
Tão bem o pensamento em ti virá



Maria de Lourdes Alba - São Paulo (SP) - é escritora, poeta, jornalista e pós-graduada em Jornalismo. albalou@uol.com.br

MANTRA DO ESQUECIMENTO

Noélia Ribeiro

nunca mais de jeito algum não
em absoluto novamente não
jamais sem chance não
mais uma vez negativo não
nunca mais
de jeito algum
nós não
(nego-te à exaustão)



Noélia Ribeiro - Brasília (DF) - é poeta, revisora, professora e taquígrafa. Formada em Letras na UnB, publicou cinco livros. Instagram: @noeliaribeiropoeta

SUSTO

Flora Figueiredo

O que houve, subconsciente?
Por que chegar assim, subitamente,
galgar emoções,
desajustar o senso,
levantar o pó de meus porões?
Tua chegada em meio à noite,
mata-me de susto.
Toma a forma de dragões alados
que se deitam ao meu lado
e me fazem chorar.
Por isso, vê se te aquieta.
Se eu o convocar, chega de mansinho,
evita mudar os medos de lugar.
Os porões do poeta são descaminhos,
luas inacabadas e verso solto.
São úmidos de chuva e mar revolto.



Flora Figueiredo - São Paulo (SP) - é poeta, escritora, cronista, jornalista, tradutora e compositora. Autora de *Chão de Vento*. Exerceu o cargo de vice-presidente da Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil.

PACTO INSÓLITO

Márcio Catunda

Não seria aqui mesmo
a Laguna Estigia?
Aqui, no Inferno, ao lado do Paraíso;
aqui, no púlpito da Sinagoga,
onde desembarcam os réprobos,
da nave de Caronte?
Aqui, onde a paciência e a revolta
travam batalha em mim.
Ormuz e Ariman, em eterna luta:
tiranicídios, parricídios, genocídios,
suicídios...
Somos os olhos dos anjos
e os dentes dos diabos.
Nos capitéis do espírito,
o Arcanjo Gabriel golpeia o
demônio.
Na urna do obscurantismo,
o Bem e o Mal fingem
que são inimigos;
dão-se as mãos e as apertam,
até se romperem as falanges.

Márcio Catunda - Rio de Janeiro (RJ) - é diplomata, escritor, membro da Associação Nacional de Escritores, do Pen Clube do Brasil e da Academia de Letras do Brasil.



Poema para o Ano Novo

Evaldo Balbino

As luzes deste ano se apagam, é o que se diz.
Feliz aquele que vive para além dos calendários!
Mesmo olhando folhinhas e agendas,
folheamos é o desejo que habita em nós.
A voz do que clama no deserto anuncia a vinda,
e tudo é vida sob a grande vida aspergida.
Orvalham sonhos entre as pessoas,
que rogam de mãos atadas aos seus deuses,
e do mesmo modo regam-se nos outros animais
as coisas que brilham e são luz de sonhos mais.
O que nos resume é pura esperança.
O instinto pede mais momentos contra o escuro,
e no duro muro da existência esbarramos todos.
Por que pelejam nossas vontades contra a pedra?
Esperamos que os poros dela nos acolham,
pois o seixo nos ama e cuida de nós,
do nosso sexo denso entre pernas,
da falta de nexo das perguntas que fazemos,
do escuro sedento de corpos vivos e de velas.
A pedra também é Deus.
Sobre ela deitamos a cabeça
e sonhamos com escadas e com anjos:
é pura expectativa o que nos move.
Neste fim de ano se comove
este poema feito de palavras
para a porta que se abre adiante.

Evaldo Balbino - Belo Horizonte (MG) - é professor, mestre em Literatura Brasileira e doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais e presidente da Academia de Letras de São João del-Rei.



O riso

Isabel Furini

Nem sempre o riso é inocente
pode ser cruel, sarcástico,
pode preencher o ambiente
semear discórdia
atacar pessoas ausentes
vorazmente roubar a calma
e como uma perigosa serpente
devorar rente da superfície da alma
a autoestima do outro
deixando o seu espírito aflito
- algumas vezes, o riso é um delito

Isabel Furini - Curitiba (PR) - é escritora e educadora. Autora de *Os Corvos de Van Gogh* (poemas). Criadora do Projeto Poetizar o Mundo. Foi nomeada Embaixadora da Palavra pela Fundação César Egido Serrano (Espanha, 2017).



Livros

Decomposição dos pássaros, contos de Eltânia André, Editora Urutau, 96 páginas, Brasil/Europa, R\$ 55,00.

ISBN: 978-85-7105-318-2.

A autora é contista e romancista. Publicou as coletâneas de contos *Manhãs adiadas*, *Duelos* e *Corpos luminosos* e os romances *Para fugir dos vivos* e *Terra dividida*.

Segundo Luiz Ruffato, "Enfim, Eltânia André mostra o firme domínio do ofício, quando, de certa maneira, sintetiza toda a inquietude na fábula "Decomposição dos pássaros", na qual resgata e destila nossas angústias ancestrais, num texto eivado de poesia, a começar pelo título, que evoca imenso conhecimento de quem da vida participa corpo-a-corpo. Por isso, por tudo isso, que não é pouco, o nome de Eltânia André vem angariando, mais e mais, espaço no sempre seletivo número de escritores fundamentais da literatura contemporânea."

Editora Urutau: <https://editoraurutau.com/livros>



Rondel da Saudade, rondéis de Cacildo Marques, 104 páginas, Edições Episteme, São Paulo.

ISBN: 979-8299045093.

O autor é escritor, poeta, professor, ficcionista, teatrólogo, ensaísta e diplomado em matemática.

A obra reúne 82 rondéis, uma forma de poema que não é muito comum no Brasil, mas situa-se entre a trova e o soneto, pois tem 12 versos mais um verso final repetindo o primeiro, em três estrofes. É um tipo de rondó, em seu tamanho mínimo.

Cacildo Marques:

cacildomarques@gmail.com

Outoneria, poemas de Álvaro Nasseralla, 272 páginas, Editora Confraria do Vento, Rio de Janeiro (RJ).

ISBN: 978-65-5844-070-3.

O autor é escritor, poeta, crítico de arte, formado em Comunicação e Marketing e um dos fundadores do Instituto Internacional de Arte Naif, voltado à valorização e preservação da arte espontânea e intuitiva.

A obra reúne poemas escritos durante os últimos dez anos que refletem um percurso de deslocamentos internos e externos para que experimentar o desapego, reinvenção e a liberdade do desajuste.

Confraria Editora:

<http://www.confrariadovento.com/editora>



FESTIVAL POESIA NO CENTRO: MEGAFONE

O Festival Poesia no Centro 2026, promovido pela Livraria Megafauna e a Associação Livros no Centro, que será realizado de 15 a 17 de maio de 2026, em São Paulo, está com inscrições abertas até o dia 27 de fevereiro de 2026.

Poetas poderão se inscrever para apresentações, com duração de até 5 minutos, no Megafone que será instalado num palco em frente ao Cultura Artística, em São Paulo.

A segunda edição do Festival Poesia no Centro terá a curadoria da poeta Bruna Beber.

Os interessados deverão preencher formulário da convocatória, anexar três poemas de sua autoria e enviar um vídeo, de até dois minutos, com uma amostra da leitura e ou performance que gostaria de apresentar no festival.

O resultado da convocatória será divulgado, até 31 de março,

nas redes sociais da Livraria Megafauna. O programa completo do evento será divulgado até o dia 15 de abril.

As apresentações dos selecionados serão realizadas, de 15 a 17 de maio, durante o Festival Poesia no Centro, no Cultura Artística, Rua Nestor Pestana, 196, Centro, em São Paulo.

As organizadoras do Festival Poesia no Centro, Livraria Megafauna e a Associação Livros no Centro, oferecerão aos poetas selecionados um vale-livro no valor de R\$ 200,00 que poderá ser utilizado após a apresentação no Megafone, com validade até o final de 2026, nas duas unidades da Megafauna no edifício Copan e no Cultura Artística.

Inscrições disponíveis em https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLStw5HMLXCqJkAWpic8HXP_vx-RHD37KdVsgjN5ychyhdK05g/vi-ewform

O leitor que acompanha a trajetória bem-sucedida do escritor Márcio Catunda haverá de concordar comigo. Esta é, certamente, a sua obra mais despojada, irreverente e descontraída, e, nem por isso, não menos reflexiva e comprometida com o lirismo e a literariedade. Aqui, o seu deserto poético não é árido nem ermo, ao contrário, é florido e fértil, terreno apropriado para o cultivo do bom humor, da ludicidade da palavra, dos versos engajados, das questões existenciais e filosóficas. É aspecto dos mais sedutores, nesta presente edição, a pluralidade dos temas tão bem tratados por este autor singular.



JORGE VENTURA, editor.



Val Mello, Gabriel Vale e Jorge Ventura.

Val Mello, escritora, poeta e ilustradora, lançou *À sombra dos Carcarás*, pela Ventura Editora, no dia 11 de novembro, na Cafeteria Coffebreak, no Rio de Janeiro. O evento reuniu cerca de 80 pessoas, com a presença de poetas do cenário lítero-cultural carioca como Tanussi Cardoso, Nuno Rau, Luís Turiba, Luiz Otávio Oliani, Amalri Nascimento, Rose Lima, Delayne Brasil, Sílvio Ribeiro de Castro, Marcelo Mourão e Ricardo Ruiz. A atração musical da noite foi a talentosa cantora e compositora ManaLu e, a grande surpresa, a participação de Gabriel Vale, neto de João do Vale, que cantou, especialmente, a música "Carcará".

Márcio Catunda lançará *Flores do Deserto*, pela Ventura Editora, no dia 10 de dezembro, quarta-feira, das 19 às 21h30, na Blooks Livraria, Praia de Botafogo, 316, no Rio de Janeiro.

Eltânia André, lançou o livro de contos *Decomposição dos pássaros*, pela Editora Urutau.

Andreia Donadon e J.B. Donadon-Leal lançam *Arte Bordada em paramentos eclesiais*, pela Editora Aldrava Letras e Artes e a ALACIB, no dia 6 de dezembro, às 19 horas, na Casa de Cultura, Rua Frei Durão, 84, em Marianba (MG).

A Feira Literária e Cultural de Escritores Independentes, realizada no dia 29 de novembro, das 12 às 20 horas, na Praça Antônio Sanches, em Poá, contou com as participações de Eliz Godoy, Luka Magalhães, Michele Doneda, Rosani Abou Adal, entre outros importantes escritores.

Solidão Latente - Soledad Latente, poema de Rosani Abou Adal, do livro *Canto do Alaúde*, foi publicado em espanhol, na revista LiterArte da Argentina, em <https://revistaliterartedigital.blogspot.com/2025/11/rosani-abou-adal-brasilno-viembre-2025.html>

O Festival de Literatura Africana de Sharjah será realizado durante Feira Internacional do Livro de Sharjah, de 16 a 18 de janeiro de 2026, nos Emirados Árabes Unidos.

O Prêmio São Paulo de Literatura lazeou os romances *A árvore mais sozinha do mundo* de Mariana Salomão Carrara e *O último dos copistas* de Marcílio França Costa.

O Canal do Poetariado entrevistou a editora, escritora e jornalista Rosani Abou Adal com live ao vivo no dia 14 de novembro, nos canais do Youtube e Facebook. Participou da conversa o escritor, professor e consultor de Cultura Benilson Toniolo. Ambos os participantes da live são membros da Academia de Letras de Campos do Jordão. O Canal do Poetariado, dirigido pelos escritores César Augusto de Carvalho e Hamilton Faria, foi criado em junho de 2020 com o objetivo de propor um programa para conversar sobre poesia. O programa é veiculado mensalmente no YouTube. Com mais de 90 vídeos publicados, o canal tem mais de 1.200 pessoas inscritas. A entrevista de Rosani Abou Adal está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sOgVbswpld4>.

Notícias

Leonardo Fróes, jornalista, poeta, tradutor e escritor, faleceu no dia 21 de novembro, em Petrópolis (RJ). Nasceu em 17 de fevereiro de 1941 em Itaperuna (RJ). Foi agraciado, em 1998, pela Academia Brasileira de Letras pelo conjunto da sua obra. Autor de *Língua franca* (livro de estreia, poemas, em 1968), *A vida em comum*, *Assim*, *A pandemônia e outros poemas*, *Argumentos invisíveis* (Prêmio Jabuti), entre outras obras.

A Editora FPA, da Fundação Perseu Abramo, do Partido dos Trabalhadores, disponibiliza 300 títulos do seu catálogo que podem ser baixados em pdf gratuitamente em <https://fpabramo.org.br/editora/>.

A Companhia Ensaio Aberto apresentará o espetáculo *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto (1920-1999), de 5 de dezembro a 18 de janeiro de 2026, de quinta a sábado, às 20 horas e, aos domingos, às 18 horas, no Teatro Paulo Autran, no SESC Pinheiros, R. Pais Leme, 195, em São Paulo. O espetáculo, com músicas de Chico Buarque, tem a direção geral de Luiz Fernando Lobo, direção de produção de Tuca Moraes e direção musical de Itamar Assiere.

Tiago Costa foi agraciado com o 1º Prêmio Kindle Vozes Negras, promovido pela Amazon Brasil em parceria com a Companhia das Letras, com o romance *Via Pública*.

O 51º Prêmio FNLIJ-IBBY Brasil 2025, promovido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, agraciou *Entre Tantos*, de Marilda Castanha, como Melhor Livro para Criança. A obra *Baião*, de Itamar Vieira Junior, com ilustrações de Manuela Navas, foi laureada com o prêmio de Revelação Ilustrador.

A Livraria das Perdizes promoveu evento comemorativo de aniversário, no dia 28 de novembro, que contou com a apresentação da peça teatral *Como um rio*, que homenageia o fundador do ponto literário e da Cortez Editora José Xavier Cortez. Desde a reabertura da livraria, em novembro de 2024, comercializou mais de 10 mil livros e promoveu mais de 40 lançamentos literários. Rua Bartira, 317 – Perdizes, em São Paulo.

Izacyl Guimarães Ferreira, escritor, poeta e diplomata, faleceu no dia 14 de novembro, em São Paulo. Nasceu no dia 22 de setembro de 1930 no Rio de Janeiro. Exerceu o cargo de diretor da União Brasileira de Escritores e foi editor da revista e do jornal O Escritor da entidade. Foi agraciado com o Prêmio da Academia Brasileira de Letras com a obra *Discurso Urbano* e com o Prêmio Literário Nacional PEN Clube do Brasil com a obra *Altamira e Alexandria*.

A Universidade Federal do Rio Grande do Norte concedeu o título de Doutor Honoris Causa, post-mortem, ao livreiro, editor e fundador da Cortez Editora José Xavier Cortez (1936 – 2021) por sua grande contribuição ao mercado do livro. A solenidade de entrega da láurea foi realizada no dia 28 de novembro, em Natal (RN).

Perspectivas Legais – Volume II: Autismo e a Busca por Justiça, coordenado pela advogada Luiza Lucena, foi lançado pela Editora Literare Books Internacional, Selo Literare Iuris. Luiza Lucena é referência nacional na defesa dos direitos das pessoas autistas.

João Scortecchi foi reeleito presidente da Abigraf Regional São Paulo. A diretoria executiva será composta por Fabio Gabriel dos Santos (1º vice-presidente), Levi Ceregato (2º vice-presidente), Fernanda Casquel (diretora administrativa), Beatriz Duckur Bignardi (diretora administrativa adjunta), Ricardo Sutto (diretor financeiro) e Flavio Medeiros (diretor financeiro adjunto). A posse da nova diretoria acontece no dia 4 de dezembro, na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.

Virginia Siqueira Starling, jornalista e tradutora, lançou a biografia *Quem é essa mulher?*, pela Editora Todavia, sobre a vida da estilista Zuzu Angel (1921-1976).

A Editora Pensamento lançou as novas edições, para 2026, do *Almanaque do Pensamento* (114ª edição) e do *Almanaque Wicca* (23ª edição). O *Almanaque do Pensamento* abriga textos de Teziza Kawall, Zilda Hutchinson Schild Silva e Verbenna Yin – astrólogos do Almanaque – e de André Mantovanni.